

Insegurança urbana e imaginários sobre condomínios horizontais fechados em Araguaína, Tocantins

Urban insecurity and imaginaries of horizontal closed condominiums in Araguaína, Tocantins

Reges Sodré

Secretaria da Educação, Juventude e Esportes, Araguaína, TO, Brasil

regessodre@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9615-528X>

RESUMO

As cidades brasileiras são marcadas pela violência e pela insegurança urbana, que colonizam os imaginários sociais, alicerçando modos de apropriação e enunciando supostas soluções à problemática. Essas, são oferecidas principalmente pelo mercado, sendo os condomínios horizontais fechados um de seus baluartes. São vendidos como um novo modo de socialização urbana, que aproximam seus habitantes da natureza, dos momentos de lazer, os mantém longe da violência, do medo e da insegurança, ou seja, ampliam sua liberdade e qualidade de vida. A análise das narrativas em torno dos condomínios, conforme evidenciamos neste texto a partir de entrevistas com cidadãos de Araguaína, Tocantins, revelam que eles têm se transformado em um ideal de cidade. As narrativas veiculadas pelos moradores entrevistados dessa cidade, apontam na direção de uma condominização da vida urbana como solução para a insegurança. A resolução dos problemas urbanos, nessa perspectiva, passa pelo isolamento e separação, via multiplicação de muros e cercas, cenário ideal para fertilização de preconceitos, racismo e ódio às minorias. Apesar de ser o imaginário hegemônico, encontrou-se entre os entrevistados vozes dissonantes, especialmente daqueles que já sofreram algum tipo de violência simbólica nesses lugares, os quais encontram-se fora de qualquer horizonte de habitabilidade. Ainda que importante, essas posições não revelam e veiculam uma imaginação geográfica da cidade alternativa aos condomínios fechados. Por isso, essas discussões são fundamentais para oferecer novas mediações às vozes dissidentes a um modelo de urbe que avança e ameaça a luta e concretização do direito à cidade.

Palavras-chaves: Insegurança urbana, Condomínios fechados, Imaginários, Araguaína.

ABSTRACT

Brazilian cities are marked by violence and urban insecurity that colonize social imaginaries. They establish manners of appropriation and announce apparent solutions to the problem. Those are mainly offered by the market where the horizontal closed condominiums are one of the bastions. They are sold like a new way of urban socialization, that makes their neighbors near nature and leisure time, far from violence, fear, and insecurity. That means they could expand their freedom and quality of life. According to some pieces of evidence taken from some interviews with Araguaína's residents, the analysis of narratives related to the condominiums reveals that they are transformed into an ideal city. The narratives manifested by the interviewed residents of this city point out the condominium alternative of urban life as a solution for insecurity. In that perspective, the resolution of urban problems passes by the isolation and separation with the multiplication of walls and fences, being this an ideal scenario for the fertilization of prejudice and racism to the minorities. Despite being the hegemonic imaginary, there were found some dissonant voices, especially the ones that already suffered any type of symbolic violence in those places, which are out of any horizon of habitability. Thus, those positions do not reveal and manifest a geographic imagination of an alternative city to the closed condominiums. For that reason, those discussions are important to offer new mediations to the dissident voices against an urban model that advance and threaten the struggle and concretization of city right.

Keywords: Urban insecurity, Closed condominiums, Imaginaries, Araguaína.

1. INTRODUÇÃO

Olha só aquele clube que dá hora
Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora
Nem se lembra do dinheiro que tem que levar
Do seu pai bem louco gritando dentro do bar
Nem se lembra de ontem, de hoje e o futuro
Ele apenas sonha através do muro

Racionais MC's, Fim de Semana no Parque.

A cidade de Araguaína está localizada no norte do estado do Tocantins, e teve sua população estimada para 2021 em 186.245 pessoas (IBGE, 2021). Trata-se, conforme Sodré e Oliveira (2021), de uma cidade média e segundo centro urbano mais importante do estado, tendo suas atividades econômicas ligadas ao agronegócio da pecuária bovina, ao comércio que tem atraído grandes marcas nacionais e os serviços de saúde e educação, os quais fazem com que sua centralidade se estenda por 31 municípios.

O desempenho econômico da cidade não tem se traduzido em desenvolvimento e qualidade de vida para a população. Em 2019, a coleta e tratamento de esgoto alcançava somente 29% da população, estimulando aparecimento de diversas doenças, como a Diarreia Aguda, que teve registrado 67.015 mil casos na cidade entre 2007 e 2015 (FREIRE, 2019). Naquele mesmo ano, segundo Pacífico Filho *et al.* (2020), existiam 24.969 famílias em situação de vulnerabilidade social, cadastradas no Cadastro Único.

No âmbito da violência urbana, a cidade tem registrado igualmente números negativos. Com 62 homicídios por 100 mil habitantes, apresentou a maior taxa do estado do Tocantins em 2017. Além disso, nesse mesmo ano o município figurava entre os 120 que acumulavam 50% dos homicídios estimados no Brasil (IPEA, FBSP, 2019). No bojo de mortes violentas, tem crescido a insegurança urbana e seus imaginários, traduzidos em estigmas e preconceitos socioespaciais dirigidos a moradores de bairros periféricos e pobres (SODRÉ, 2020).

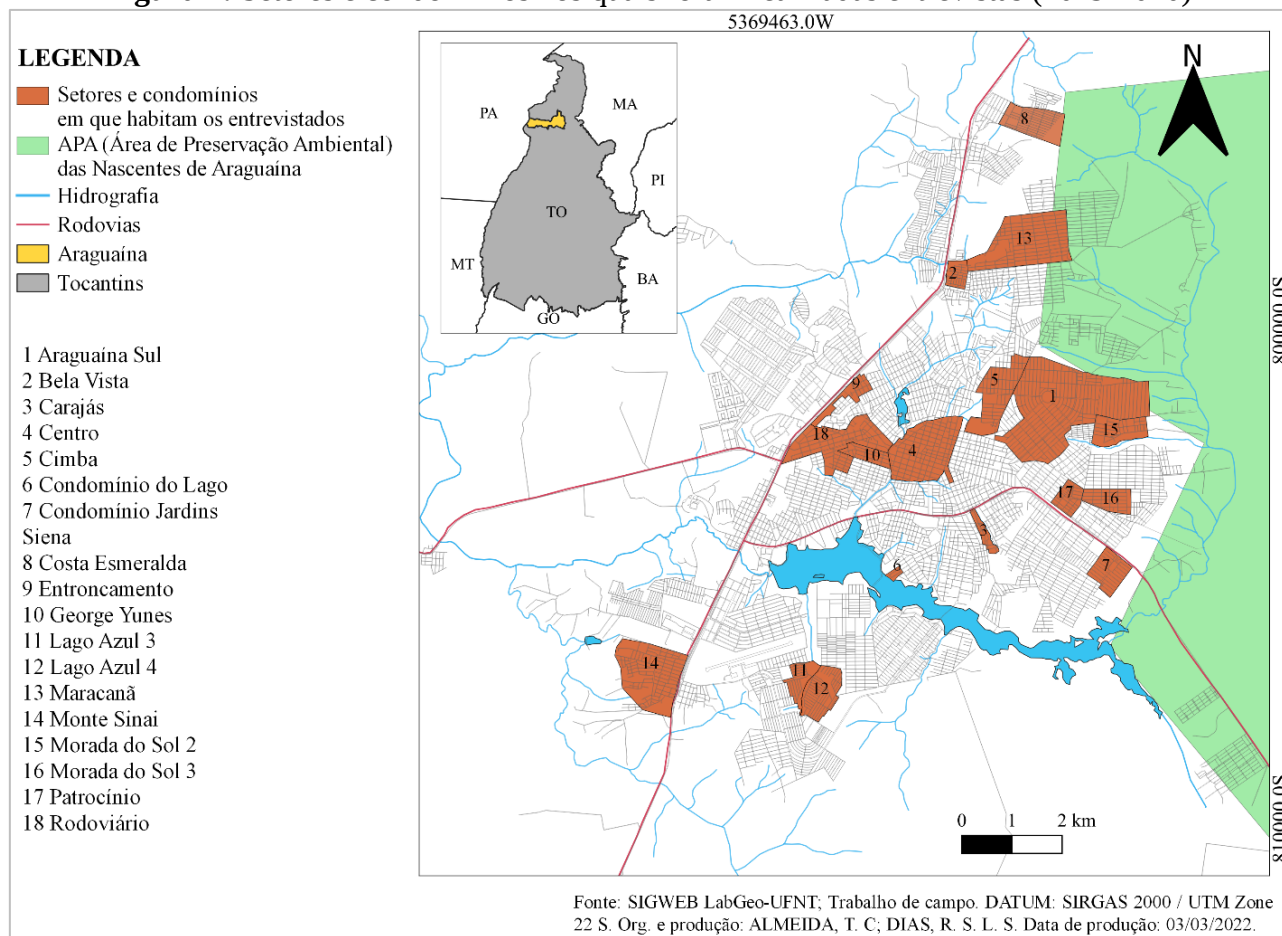
Diante desse contexto de violência e insegurança urbana em Araguaína, o presente trabalho tem por objetivo analisar como os condomínios horizontais fechados aparecem no imaginário social dos cidadãos araguainenses. A pesquisa foi construída a partir de leituras teóricas, principalmente em Souza (2000, 2006, 2008), Silva (2001), Svampa (2008), Caldeira (2011), Sposito e Góes (2013), Taylor (2010), Lindón (2006, 2007), Carrión Mena e Núñez-Vega (2006) e Mendoza (2015).

Em termos empíricos, a principal fonte da pesquisa foi a realização de entrevistas em profundidade com moradores de Araguaína, as quais foram conduzidas e transcritas observando pressupostos metodológicos assinalados por Bourdieu *et al.* (1997) e Lahire (2004). Em 2019 e 2020 realizou-se 27 entrevistas¹, em 16 bairros da cidade e em dois condomínios horizontais fechados. Procurou-se levantar as imagens que os habitantes residentes fora dos condomínios elaboravam desses espaços e com ela uma leitura de cidade que expressavam.

Os bairros foram escolhidos observando dois critérios: o primeiro, que representasse a diversidade de renda per capita da cidade, conforme dados do censo demográfico (IBGE, 2010); o segundo, incorpora os bairros que mais aparecem na mídia como violentos, segundo dados de Sodré e Deus (2020). Assim, foram realizadas entrevistas nos seguintes setores: Lago Azul 3, Costa Esmeralda, Centro, Entroncamento, Monte Sinai, George Yunes, Lago Azul 4, Maracanã, Cimba, Rodoviário, Patrocínio, Bela Vista, Morada do Sol 3, Araguaína Sul, Morada do Sol 2 e Carajás. Em condomínio, foi feita entrevista no Condomínio do Lago e Jardins Siena (**Figura 1**).

¹ A pesquisa apresenta resultados da tese de doutorado desenvolvida na Universidade Federal de Goiás, no Instituto de Estudos Socioambientais. As entrevistas foram realizadas entre julho de 2019 e fevereiro de 2020. O projeto teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFG, com parecer nº 3.347.674 e CAAE nº 11159419.2.0000.5083. O nome dos entrevistados no decorrer do trabalho é fictício.

Figura 1: Setores e condomínios nos quais foram realizadas entrevistas (2019-2020)



Fonte: SIGWEB [ca. 2022]; Trabalho de Campo (2019, 2020).

O trabalho está dividido em três seções: na primeira, revisita-se a discussão sobre insegurança urbana, imaginários e condomínios horizontais fechados; na segunda, caracteriza-se os condomínios horizontais fechados de Araguaína; e, na terceira, discorre-se sobre os imaginários que os cidadãos araguainenses têm construído sobre os condomínios e a perspectiva de cidade que esses imaginários expressam.

2. IMAGINÁRIOS, INSEGURANÇA URBANA E CONDOMÍNIOS HORIZONTAIS FECHADOS

Taylor (2010, p. 31-32) afirma que os imaginários sociais se referem a “uma compreensão comum que possibilita práticas comuns e um sentido de legitimidade amplamente partilhado”, guardando um sentido normativo. Por isso, carrega “expectações [...] que temos uns dos outros”, isto é, “um sentido de como as coisas habitualmente se passam” e “uma ideia de como elas deviam ser”. Para esse autor, os imaginários sociais são sempre tributários ou materializações de valores morais, os quais estruturam uma hierarquia valorativa, na qual, em caráter imperativo, “uma forma de vida pode ser vista como mais plena, outra maneira de sentir e agir pode ser julgada mais pura, um modo de sentir ou viver como mais profundo [ou] um estilo de vida como mais digno de admiração” (TAYLOR, 2011, p. 35).

Lindón (2007, p. 32) argumenta que “la construcción social de los distintos lugares que integran la ciudad, es un proceso constante de manufacturación del espacio que realizan las personas en interacción unas con otras, orientando sus prácticas espaciales” por meio “de una trama de sentido que denominamos imaginarios urbanos”. Ela acrescenta que “los imaginarios son redes o tramas de

significados específicos, reconocidas socialmente, que le otorgan cualidades a la ciudad y sus lugares”.

Diante disso, nos cabe questionar a partir de quais imaginários e sentidos têm sido apropriados às cidades brasileiras e latino-americanas. Silva (2003), ressalta que nas cidades dessa região o imaginário de insegurança urbana talvez seja o mais proeminente (CARRIÓN MENA e NÚÑES-VEGA, 2006), o que leva esses autores a colocarem que o medo da violência é um dos principais elementos de construção das cidades latino-americanas.

Silva (2001, p. 203) reforça essa perspectiva ao afirmar que a insegurança não só orienta a “selección de rutas y nuevos caminos” nas relações da vida cotidiana, mas “es un elemento cada vez más estructurante en el comportamiento de la ciudad”. O que pode ser traduzido no crescente isolamento das pessoas, na apropriação fragmentada da cidade e em novas formas de habitabilidade marcadas por fortificações.

Ainda que em registros teóricos distintos, os trabalhos de Souza (2000, 2006, 2008), Silva (2001), Svampa (2008), Caldeira (2011), Kessler (2015), Sposito e Goés (2013), vem apontado para o fato de que os imaginários de cidades inseguras, geralmente instrumentalizados pelo mercado imobiliário, de segurança e pelos meios de comunicação, têm alterado a vida urbana, em suas práticas e morfologias, alcançando centros de diferentes portes.

E uma das principais manifestações dessas alterações são a proliferação de “espaços fechados” (SPOSITO e GOÉS, 2013), “enclaves fortificados” (CALDEIRA, 2011), ou ainda “countries y barrios privados” (SVAMPA, 2008), os quais quase sempre se referem a condomínios horizontais fechados, voltados para um público de classe média, média alta e elite. Às vezes esses espaços são apenas residenciais, mas notadamente nas grandes cidades se associam a centros de compras e negócios.

Trata-se de uma opção de habitação que expressa a autosegregação, pois os agentes escolhem os melhores lugares da cidade e ao mesmo tempo impõem distanciamento dos indesejados (CORREIA, 1989). Para Souza (2000), essa prática refere-se a um escapismo das elites, que ainda por cima é hipócrita, já que procura manter a distância, dos lugares de consumo e da paisagem de vizinhança, os pobres e negros, mas não prescindem dos mesmos na qualidade de funcionários em funções com baixa remuneração e alta degradação do corpo.

Se “a convivência favorece a tolerância; a segregação realimenta a intolerância” (SOUZA, 2005, p. 83). Nesse cenário as práticas urbanas passam a ser permeadas por sentimentos de ódio, raiva e revolta. O resultado tem sido o definhamento da civilidade e a erosão da cidadania (SOUZA, 2000). Ao mesmo tempo, qualquer horizonte de planejamento urbano democrático fica comprometido (SOUZA, 2006).

Vale notar, segundo Massey (2015), que o fechamento de um lugar não é em si mesmo conservador ou progressista, isso vai depender da “geometria de poder” que está em jogo em determinado espaço-tempo. Esse conceito aponta o caráter relacional do poder e do espaço, mostrando que o fechamento pode, em alguns casos, significar relações de dominação, mas em outros, ele é a única forma de existência de grupos subalternos. Esse último ponto pode ser ilustrado com a exigência de grupos hegemônicos para que comunidades originárias se abram aos ditames do capital, o que representaria um ataque a seus modos de vida tradicionais (MASSEY, 2015).

Nessa perspectiva, a atual proliferação de condomínios horizontais representa o fechamento da cidade a partir da “geometria de poder” de grupos dominantes (MASSEY, 2015). Segundo Sennett (2018), a cidade fechada é hostil a pessoas por sua religião, condição social, raça, etnia ou sexualidade. As formas espaciais desse tipo urbe são construídas para reduzir os encontros entre os diferentes. Mas, o principal da cidade fechada é que sua produção é realizada de forma assimétrica, alguns poucos decidem e outros tantos obedecem.

Nesse tipo de cidade, a insegurança se torna um grande negócio; ela precisa ser fomentada para que novos produtos imobiliários, de segurança e políticos sejam vendidos (PEDRAZZINI, 2006). A este respeito, a afirmação de Pedrazzini (2006, p. 101) vai ainda mais longe: “o crescimento

da fragmentação do espaço urbano e da segregação social ameaça simultaneamente o vínculo comunitário e a sociedade como um tudo”.

Segundo Mendoza (2015, p. 131), os espaços fechados “representam procesos de significación social en los cuales los sujetos están em permanente recreación de la cotidianidad”. Dessa forma, e recuperando os argumentos de Taylor (2010, 2011), os condomínios horizontais fechados surgem num contexto de imaginários de insegurança como uma nova configuração normativa que emula sentidos positivos de segurança, proteção e comunidade, enquanto a “cidade aberta” seria o território dos perigos e riscos.

Assim, associar os condomínios horizontais fechados a uma dimensão valorativa nos parece fundamental para compreender a problemática, pois eles passam a morar, como veremos na análise das entrevistas, no imaginário do sonho da habitação ideal. Em sentido mais profundo, passam a ser pensados como um caminho para a resolução dos problemas urbanos, como a violência, a busca por lazer e uma certa desaceleração da vida na cidade aberta. É um ideal de cidade que está em jogo.

No entanto, esse imaginário, como veremos, encontra algumas poucas resistências, notadamente em grupos que são excluídos de qualquer horizonte de habitabilidade desses espaços e que aí já sofreram algum tipo de violência, física ou simbólica. Trata-se então de uma rejeição instrumental dos espaços fechados e não necessariamente uma articulação de outras formas de organizar as cidades. Falta, como ressalta Honneth (2011), aos grupos dominados perceber menos as injustiças do que elaborar configurações valorativas de justiça que sejam alternativas a dominante.

3. CARACTERIZAÇÃO DOS CONDOMÍNIOS HORIZONTAIS FECHADOS DE ARAGUAÍNA

Araguaína teve seu primeiro condomínio horizontal fechado em 2009, o Condomínio do Lago, situado em terraço no alto curso do Rio Lontra, afluente do rio Araguaia (vide **Figura 2**). Esse estabelecimento tem 50 lotes, sendo um espaço bastante pequeno, com apenas três ruas internas. Os poucos espaços ociosos (10) são comercializados por R\$ 340.000,00. Os habitantes predominantes são médicos, dentistas, fazendeiros, advogados, juizes e empresários (TRABALHO DE CAMPO, 2020).

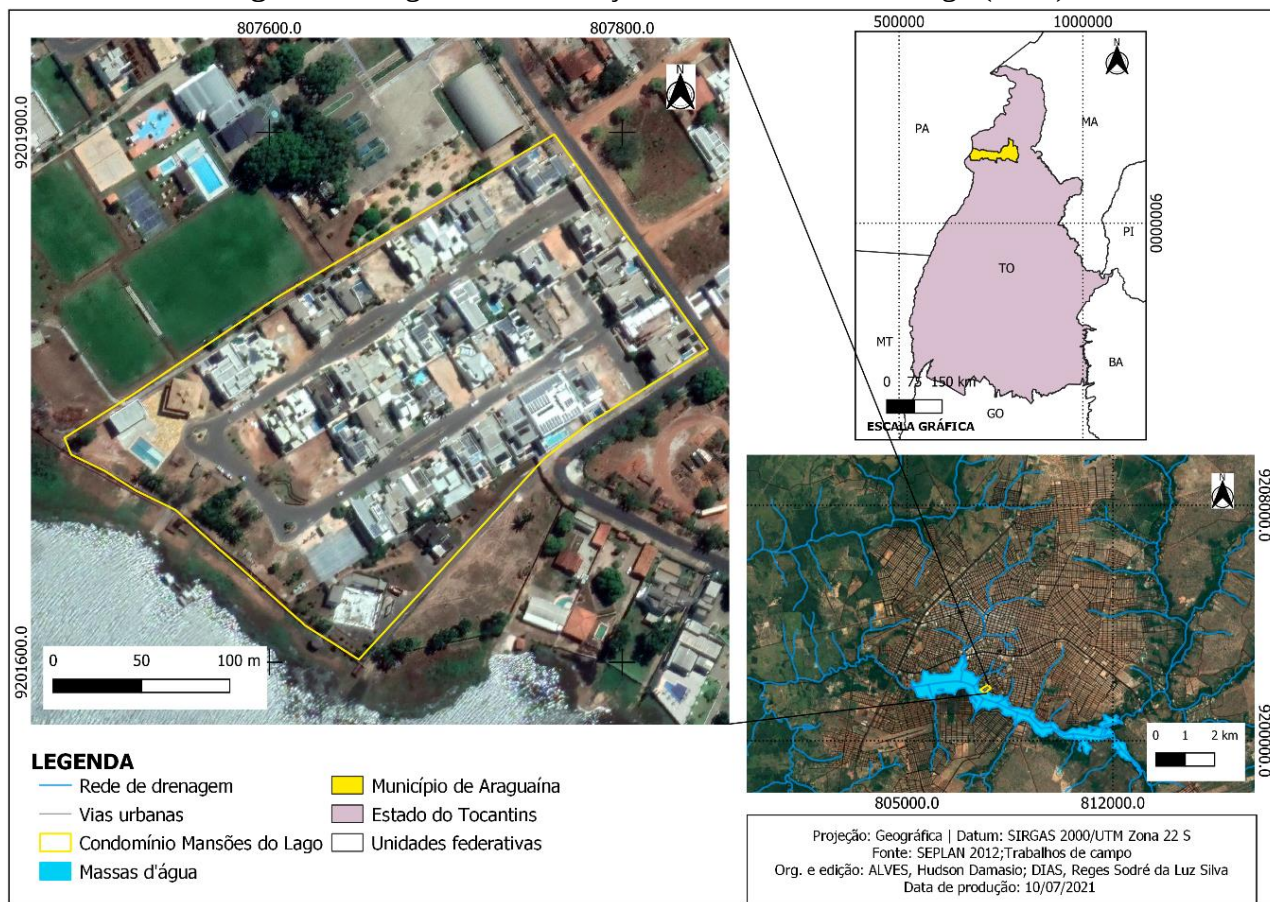
Note-se que apesar do condomínio ter espaços de uso comum, como uma piscina na parte inferior da imagem, espaço de festas e uma quadra esportiva, praticamente todas as residências têm suas próprias piscinas. Boa parte delas tem também energia solar e pequenos espaços verdes nos quintais, mas predomina a escassez de arborização, inclusive dos espaços de uso comum.

Existem algumas árvores no espaço entre o condomínio e o Lontra, este, aliás é o principal objeto de distinção, que se dá não pela apropriação física, por meio de banhos, já que o mesmo é poluído, mas simbólica. As imagens do pôr do sol em seu contraste com a água do lago são difundidas nas redes sociais, como uma ostentação do poder econômico, do bom gosto, do contato com a natureza e da sensibilidade.

Por esse motivo, o Condomínio do Lago, que está localizado em área mais prestigiada da cidade é aquele que melhor se apropria da primeira natureza como recurso simbólico. Todo seu entorno, formado pelo setor Santa Mônica, é ocupado por habitações de médio a alto padrão. Já na sua margem direta, como se percebe na **Figura 2**, está localizada a instalação da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), um dos *lôcus* de socialização da classe média da cidade.

O segundo condomínio horizontal, Capital Residence, apareceu em 2012, mas o pedido de licença do projeto foi apresentado à Prefeitura Municipal de Araguaína (PMA) em 2010 (vide **Figura 3**). O empreendimento tem cerca de 143 lotes, os quais são ofertados em sites de imobiliárias da cidade por valores superiores a 105 mil reais. Boa parte desse empreendimento foi construída, segundo denúncia do MPE, na Área de Preservação Permanente de Araguaína (APA), o que motivou ações do órgão, mas acabou prevalecendo a autorização da prefeitura (MPE, 2011).

Figura 2: Araguaína: localização do Condomínio do Lago (2021)



Fonte: SEPLAN, 2012. Trabalho de Campo (2020).

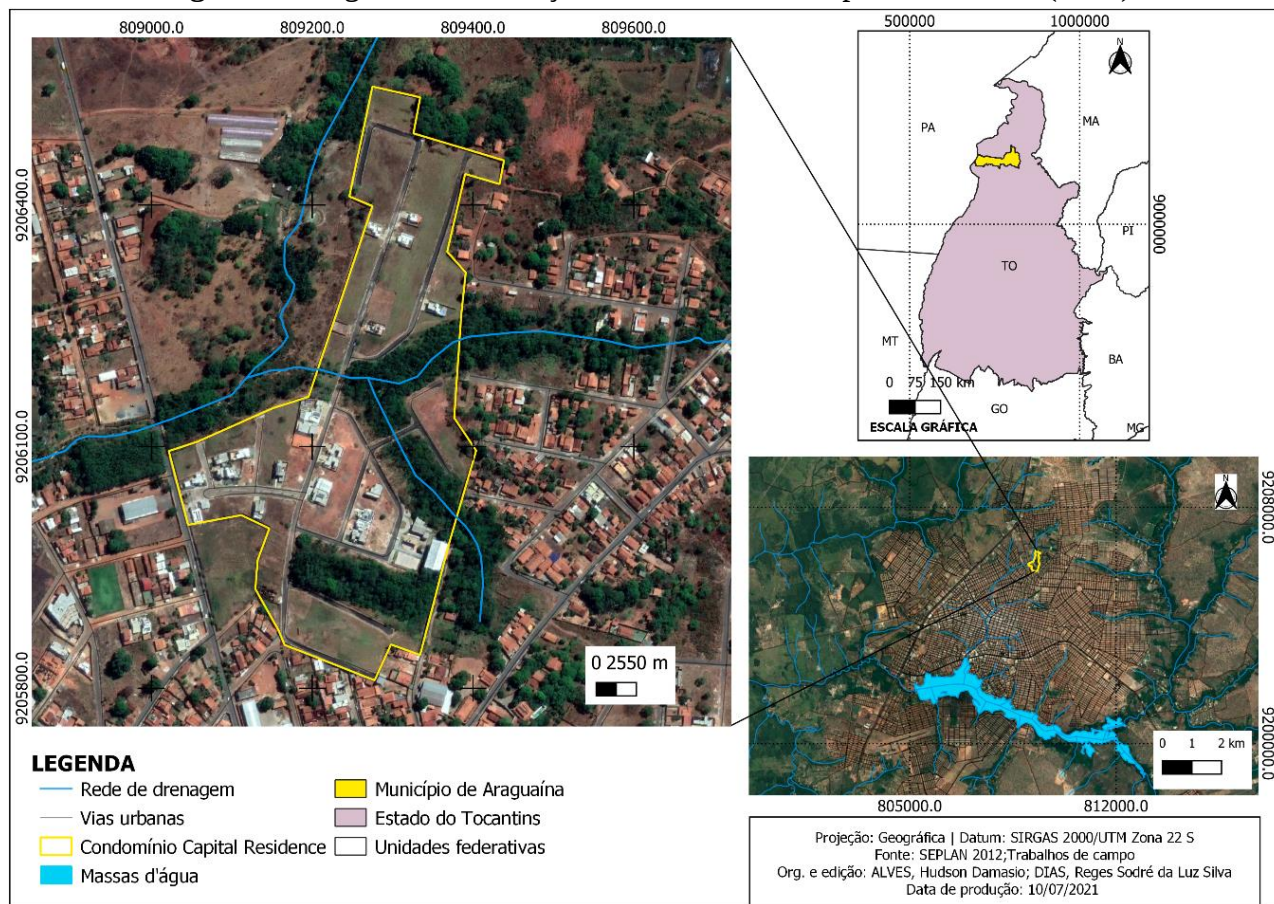
Como se observa na imagem 3 e na verificação que se realizou na visita de campo, as ruas e os muros do condomínio adentram e ultrapassam a área florestada a leste e ao norte, promovendo o seu desmatamento. Associado a isso está o intenso assoreamento dos canais pela interferência de bueiros (MPE, 2011; TRABALHO DE CAMPO, 2020), justamente em um trecho classificado por Santos *et al.* (2018), como o de mais alto grau de alteração do canal (nível 4).

O espaço condominal ainda é muito pouco ocupado, tendo apenas 18 casas construídas, a maioria das quais estão localizadas na porte mais próxima da Av. Castelo Branco. Esse, de todos os condomínios, e em virtudes de seus privilégios diante do Estado, é aquele com maior área verde, a qual é, aliás, bastante valorizada nos anúncios publicitários, mas nem sempre por seus moradores.

Em conversa informal com um morador desse espaço, em 2018, ele relatou que a mata causa uma certa insegurança, e citou que já houve roubo no condomínio, ocasião em que os criminosos teriam pulado o muro pelos fundos, dentro da mata. Ao visitar o local, que fica no bairro Vila Santiago, em fevereiro de 2021, observamos que em alguns pontos, pela declividade do relevo, as condições de pular o muro são facilitadas. Embora o mesmo tenha cerca elétrica, que, no momento da visita não estava funcionando.

O terceiro condomínio e o maior deles, Jardins Siena, foi lançado em 2014, em área total de 470.196,16 m², contendo 730 lotes. As maiores áreas foram destinadas à construção de habitação (58,52%), sistema viário interno (15,90%), áreas verdes (8,22%) e área institucional (7,37%) (PMA, 2014). Esse empreendimento marcou a entrada de uma grande construtora nacional na cidade, a FGR Urbanismo, que tem sede em Goiânia.

Figura 3: Araguaína: localização do Condomínio Capital Residence (2021)



Fonte: SEPLAN, 2012. Trabalho de Campo (2020).

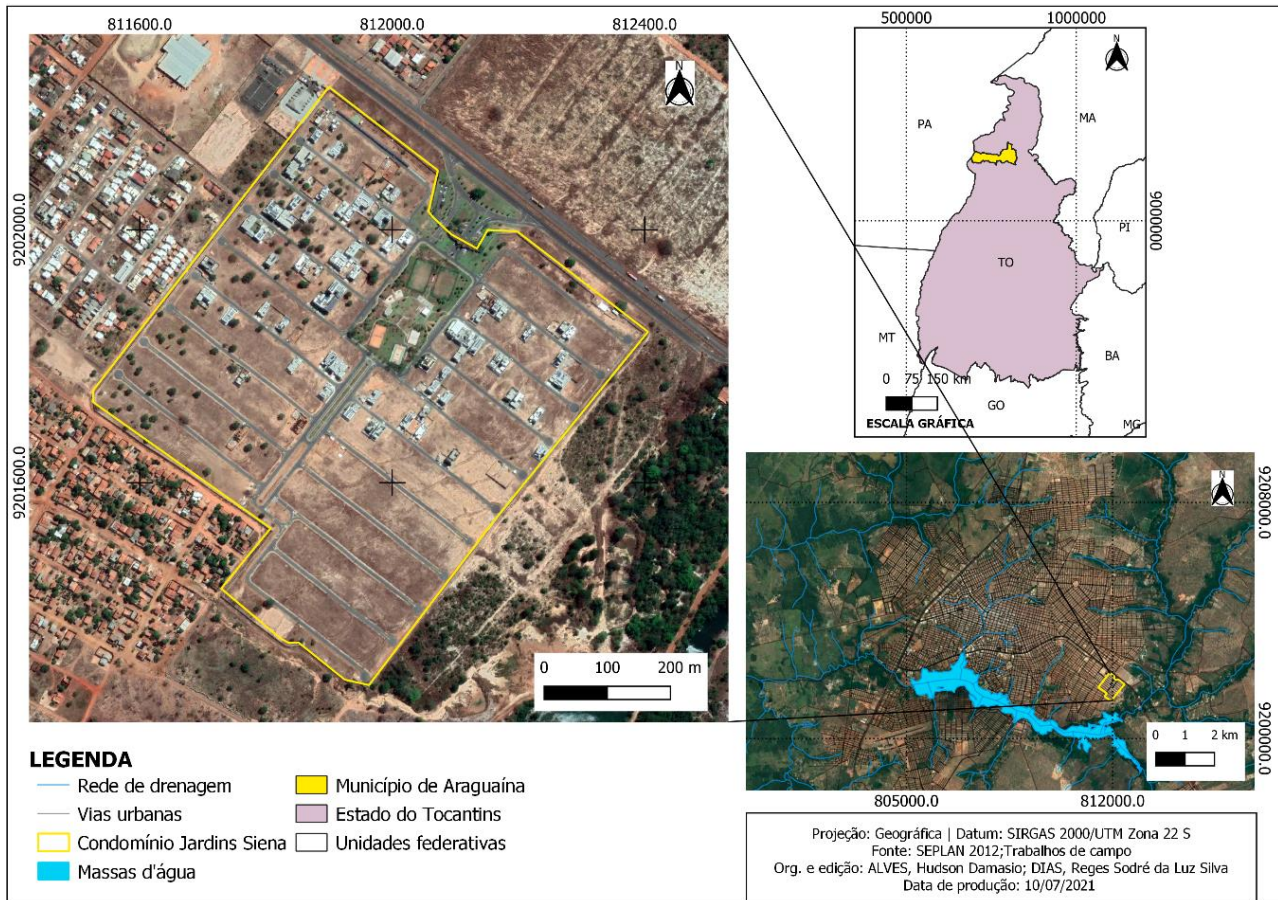
O condomínio ainda é pouco urbanizado, tendo atualmente 42 habitações, e diversas outras em processo de construção. Na **Figura 4**, observamos o traçado ortogonal do mesmo e notamos que boa parte das casas estão concentradas na porção norte, às margens da rodovia TO-222. Apesar das diversas propagandas que evocam o verde, presente no próprio nome do condomínio, esses espaços ainda são bastante tímidos na sua paisagem.

Já em relação ao mais recente condomínio, Vila Gabriel, o mesmo foi lançado no final de 2018, com apenas 22 duas casas de três tamanhos diferentes: 107,95m², 113,09m² e 118,56m². O empreendimento foi construído pela IG4 construtora, que tem sede na cidade de Jundiaí-SP. As vendas parece que não engrenaram, pois, decorridos mais de três anos do lançamento, foram vendidos, segundo informa o site da empresa, apenas quatro casas e locadas outras três (IG4 [ca. 2021]).

A **Figura 5**, traz a localização da Vila Gabriel, situada no extremo leste da cidade. Percebe-se que simplesmente não há área verde nesse espaço, que além disso, é bastante apertado; o espaçamento entre as casas é exíguo, bem como entre essas e o muro, o que impossibilita até mesmo a construção de piscinas particulares, como é visto nos outros condomínios.

Esse condomínio está situado em uma área de estigmatização territorial, que envolve quatro setores, Morada do Sol, Jardim Bouganville, Jardins Mônaco e Setor Ana Maria. Como se percebe na imagem, a Vila Gabriel faz fronteira ao norte e ao sul com casas populares do programa Minha Casa, Minha Vida, o mesmo se verifica à leste. Além disso, a longa superfície visualizada nas suas fronteiras se refere a um depósito da empresa Litucera, responsável pela coleta de lixo na cidade.

Figura 4: Araguaína: localização do Condomínio Jardins Siena (2021)



Fonte: SEPLAN, 2012. Trabalho de Campo (2020).

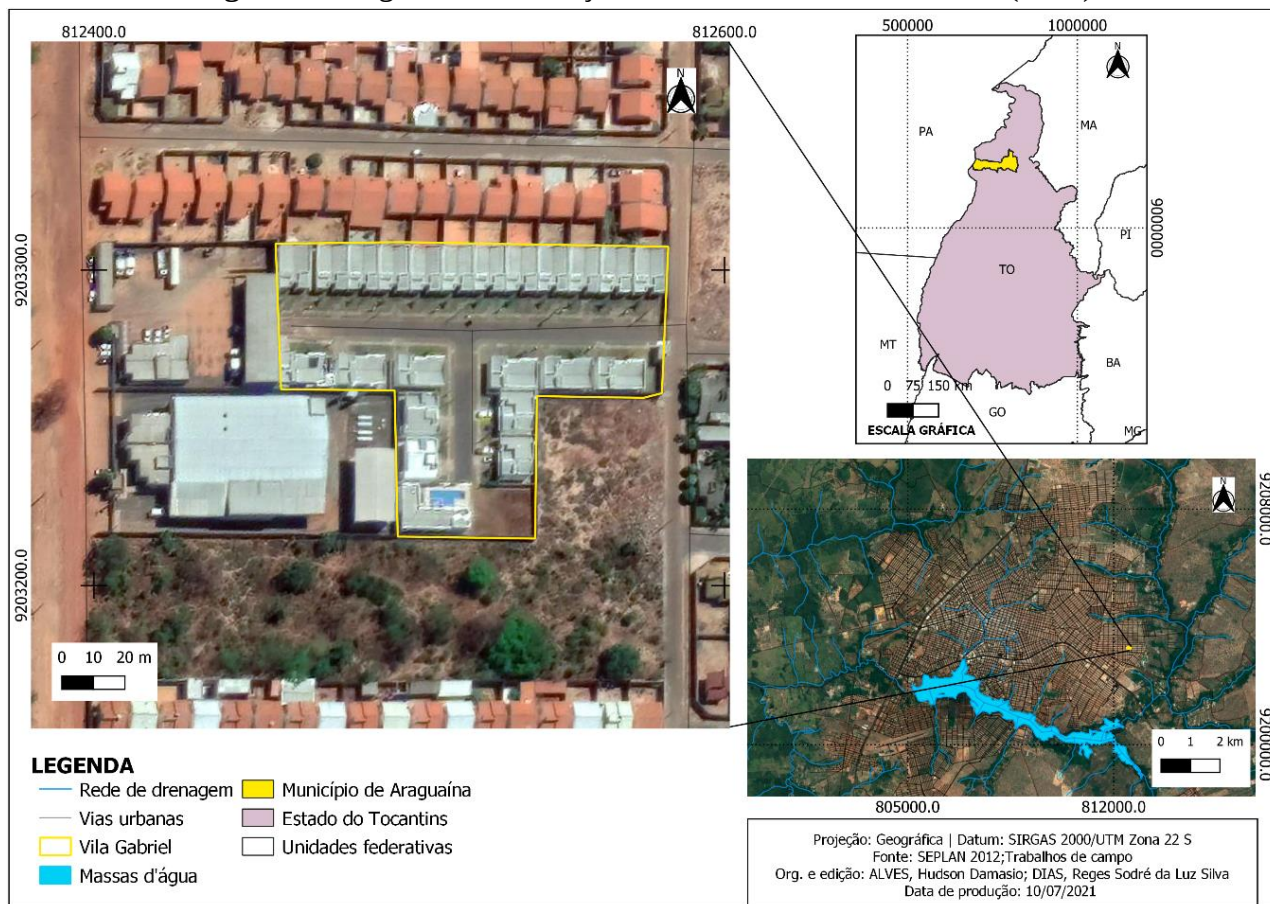
Ao observar os anúncios desses condomínios, pode-se dizer inicialmente que eles procuram vender imagens espaciais relacionadas à paisagem e ao lugar. A primeira é a que mais aparece, mesmo que vinculada à estética da segurança, mas igualmente à áreas de lazer e de corpos. Dessa forma, a branquitude, associada à família tradicional, torna-se ela mesma um elemento constituinte fundamental dos anúncios. Encontramos propaganda com casais negros apenas no caso do condomínio Vila Gabriel.

Há também diversos anúncios que frisam a segurança desses espaços, destacando que existe monitoramento 24 horas por dia. Nesse estilo de moradia, as famílias se sentiriam tranquilas para exercer liberdade e seu direito à qualidade de vida, representada no conforto de casas luxuosos e na infraestrutura de áreas de uso compartilhado. O elemento mais destacado nos banners não é o muro, cerca, segurança armada, mas as câmeras, que aparecem como símbolo de vigilância e controle.

Por ser o maior empreendimento e aquele ligado a maior empresa com atuação no ramo na cidade, o Jardins Siena é o que tem mais discurso oficial de propaganda. Além dos já mencionados, o site do empreendimento disponibiliza 5 vídeos, sendo que quatro deles são de depoimento de moradores. No primeiro, elaborado assim que houve o lançamento, anuncia que “seu sonho de viver bem com liberdade, segurança total, esporte e lazer, está prestes a se realizar. Jardins, a diferença entre morar e viver”.

Esse *merchandising* não difere muito do que é propagado por todas as empresas proprietárias de condomínios. Veremos como essas quatro palavras-chave (liberdade, segurança, esporte e lazer) são reverberadas nas falas daqueles que estão fora e desejam ultrapassar o muro. A ideia de uma *segurança total*, sem dúvida, é a mais ousada, afinal, como bloquear qualquer risco e perigo em uma sociedade de insegurança?

Figura 5: Araguaína: localização do Condomínio Vila Gabriel (2021)



Fonte: SEPLAN, 2012. Trabalho de Campo (2020).

Quando se analisa os discursos oficiais dos moradores, veiculados pelo site da FGR Urbanismo, verifica-se que a segurança efetivamente está no centro de todos eles. Ela surge como um pré-requisito de todas as outras palavras-chaves, porque não é possível ter liberdade, lazer e esporte na insegurança. Isso fica nítido no depoimento de um administrador, segundo o qual se mudou para o condomínio porque lá seus filhos podem se apropriar do espaço das ruas e fazer esporte sem nenhuma preocupação.

Agora, diz ele, os filhos podem ter uma vida semelhante a que ele teve, porque quando jovem andava por toda a cidade sem ter preocupação de que horas voltaria para casa. Mas, o condomínio não é a cidade e a experiência de se apropriar das ruas de uma cidade e de um espaço fechado são completamente diferentes, como já assinalamos. Ademais, pinta o passado urbano como uma espécie de grande condomínio aberto, onde reinava a liberdade na segurança, o que parece igualmente problemático.

O fator primordial pra nossa família tomar a decisão pra adquirir um lote no Jardins Siena foi segurança. Segurança minha, da minha esposa e dos meus filhos.

Quando entrou aqui no Jardins Siena e viu a área de lazer, a gente tinha a [diz o nome da filha] pequena, chamou muito a atenção, porque como a gente não tem segurança, fora daqui do Jardins Siena, é muito difícil uma criança crescer com lazer. Esse sossego, essa paz que a gente tem aqui no condomínio Jardins Siena não encontra em lugar nenhum aqui em Araguaína e aqui a gente conseguiu trazer pra eles aquela velha infância. Aqui a gente formou uma grande família porque todo mundo se conhece, participa. Isso foi um fator primordial, a segurança e com ela veio todo esse ganho que a gente teve aqui dentro. Morar aqui é simplesmente maravilhoso.

Nós moramos em Araguaína há 40 anos e aí a gente sentia um pouco inseguro, até pra sair na porta, portão de casa. E quando chegamos aqui nós sentimos que era hora da gente ter uma nova experiência num condomínio, já que a gente nunca tinha morado. E a gente preocupava mais com essa segurança. De puder olha, tá aqui na rua, a porta tá ali aberta, ter certeza que vamos ter paz, tranquilidade. O meu neto poder ficar brincando lá na quadra até 10 horas da noite e a gente não ter a menor preocupação com ele.

O que me fez morar no Jardins Siena foi principalmente a segurança. Hoje a gente mora em uma cidade muito violenta. E aqui foi um lugar que a gente realmente achou e que a gente acertou pra que a gente tivesse a tranquilidade de vida que a gente tem hoje. A gente tem filhos adultos e pra gente é muito bom ter a certeza de que eles vão entrar e sair de casa com muita segurança. Além do que a gente resgatou aqui um costume antigo, que a gente já não tem mais isso. E aqui a gente tem vizinhos, a gente intarege com vizinhos. A gente tem o costume, que aqui em casa particularmente a gente gosta muito, a gente senta na porta e o que vai passando e vai ficando e cumprimentando e isso entra noite a fora (FGR, [ca. 2021b]).

Percebe-se, nessa síntese dos depoimentos oficiais, que os mesmos não diferem muito daqueles que nos foram relatados em trabalho de campo nesses condomínios. Fica evidente que a segurança é colocada no centro das motivações de se mudar para o condomínio, nele continuar residindo e emitir uma boa avaliação. Isso ocorre porque a existência de segurança permite a instituição de modos de vidas, de relações e de apropriação do espaço. Mas, ela deriva aqui antes de mais nada, pela convivência entre iguais, daí a mobilização constante da “boa vizinhança”.

Outra imagem espacial vendida por esses empreendimentos se refere à localização. O Capital Residence está nas margens da Avenida Castelo Branco, via que liga toda região norte da cidade à área central e que em boa parte do seu trajeto é de trânsito rápido, sem sequer haver semáforos; o Jardins Siena está situado nas margens da Avenida Filadélfia, via de trânsito rápido que liga com facilidade às regiões mais distintas da cidade, como Neblina e José de Brito.

O Condomínio do Lago está localizado na Avenida C, mas está a apenas uma quadra, pela avenida Binária, da Via Lago, área mais prestigiada da cidade que facilita o acesso às avenidas Neblina, Filadélfia e José de Brito. Aquele que efetivamente não tem uma localização privilegiada é o Vila Gabriel, que está na Rua JB-5, no Setor Morada do Sol. Apesar disso, a página do empreendimento no Instagram e Facebook afirma a partir de um mapa de localização que o centro está a 10 minutos e a rodoviária a 15.

4. CONDOMÍNIOS HORIZONTAIS FECHADOS COMO IDEAL DE VIDA URBANA

Nessa seção, passamos a analisar trechos de entrevistas que nos foram concedidas em trabalho de campo. Diante do objetivo de analisar os imaginários sobre os condomínios horizontais fechados, os relatos mobilizados a seguir são de cidadãos que residem fora desses espaços, alguns dos entrevistados sequer entraram em um condomínio ao longo da vida, mas construíram uma intrigada imaginação sobre os mesmos, que expressam uma certa visão de cidade.

O principal elemento mobilizado pelos entrevistados que justificaria a mudança para um condomínio fechado é a união entre segurança, distinção e rendimentos econômicos. Almeida, residente no bairro Central, mobiliza primeiro o “capital espacial” (CAILLY, 2007) desses locais, afirmando que o condomínio Capital Residence é “muito chique”. Além da estética das casas, do ambiente, com áreas verdes e espaços de uso comum, está imbutido nessa acepção os processos de “restrição pra quem entra”, pois “você só vai entrar se você já for colocado”.

Daqueles horizontais ali tem um na Castelo Branco muito chique. Ah com certeza eu moraria, que ali já tem uma certa restrição pra quem entra né, você só vai entrar

se você já for colocado lá. Vai chegar o carro tal com pessoa tal e já é de forma de proteção. [*Você já frequentou algum condomínio desses?*] Se eu já fui aonde? [*Em algum desses condomínios?*] Não, eu já passei na frente, eu acho interessante. De dois eu já passei na frente, eu fico olhando assim e penso até que eu compraria um lote aí, construir uma casa aí, eu acho massa (ALMEIDA, 2019).

Toda essa percepção não foi elaborada com base nas vivências que teve de condomínios (ela sequer chegou a entrar em um deles), mas foi formada, segundo ela, por sempre passar em frente a eles e ficar “olhando”, o que possibilita toda sorte de fabulações. Esse tipo de idealização se mostra bastante perigosa e condizente com o entendimento do imaginário enquanto uma ideologia de dominação social, faceta essa ressaltada por Taylor (2010).

É nessa linha que se inscreve o depoimento de Flor, moradora do setor Lago Azul 3, que devota aos moradores de condomínios uma superioridade moral, pois as “pessoas são mais educadas, tem outro nível de educação porque morar nesses bairros aqui a gente pode botar uns 30%” de pessoas educadas. Não no sentido de serem alfabetizadas, mas de terem autocontrole para não fofocarem. Ora, ela também nunca entrou em um condomínio para saber efetivamente como é a vida lá dentro, por isso, imagina ser esses um paraíso idílico onde finalmente a fofoca foi abolida.

Esse tipo de pensamento de Flor expressa a idealização de que é possível nesses espaços se ter relações esterilizadas de qualquer conflito social. Perde-se de vista que é justamente na negociação das diferenças que existe a possibilidade de uma construção mais fraterna do mundo, e não no isolamento asséptico. Assinala que uma certa imaginação geográfica, permeada de elementos valorativos, está vencendo. É também a vitória de uma classe social.

[*Se você pudesse moraria em um condomínio horizontal fechado?*] Ah, seu pudesse com certeza. [*Porque?*] Eu acho que é porque tem mais segurança, mais tranquilo. Tem é... têm pessoas são mais educadas, tem outro nível de educação porque morar nesses bairros aqui a gente pode botar uns 30%. [*30% de pessoas educadas?*] É. Nossa não pode nem sair fora... Abrir a boca e falar alguma coisa. [*O que acontece, fofoca?*] Demais (FLOR, 2019).

Já a posição de Bethânia e sua família, que reside no setor Patrocínio, que em diversos momentos da entrevista afirma ter o sonho de morar em um condomínio fechado, apresenta matizes complexas. Mas do que dizer sonhar, a reação quando toquei no assunto foi emblemática, todos manifestaram alegria, como se eu estivesse tocado na questão nevrálgica. Inclusive, já teriam dado uma olhada no condomínio, mas no decorrer da entrevista se descobriu que essa mirada na verdade foi similar a da Almeida, de apenas passar na frente e nesse caso, parar diante do portão, que é de grade e olhar para dentro.

Mas há uma diferença fundamental entre os dois casos, porque Bethânia e sua família visam um condomínio específico, próximo da sua casa, o Vila Gabriel. Existe uma relação de “namoro” com ele, passam cotidianamente em frente ao mesmo, sabem os equipamentos que tem lá dentro, se imaginam habitando aquele lugar. É um caso clássico de quem está fora, nas imediações de um condomínio e sonham em ultrapassar o muro.

Eles efetivamente têm um projeto de se mudar para o Vila Gabriel, porque mesmo não tendo iniciado as tratativas para compra, já sabem como adquiri-lo, ou seja, por meio da venda da atual casa. Além disso, Bethânia indicou, quando comentei que o preço de uma casa à vista seria de R\$ 300,000 e a prazo de R\$ 900,000 que já tinha conhecimento dos valores. Já a sua filha, demonstrou que conhecia e possuía interesse pelas áreas de lazer do condomínio.

Outro ponto fundamental é a leitura sofisticada do lugar que essa família sabe que ocupa no mercado. Ao citar a Vila Gabriel, imediatamente Bethânia faz questão de ressaltar que não se trata do condomínio “chiquizão” Jardins Siena, esse seria coisa de “bilionário”, ao passo que o primeiro seria

mais condizente com o status e condição financeira deles: “é mais, mais... é mais para nosso”, conforme trecho transcrito a seguir.

[Você tem vontade de morar em condomínio fechado?] [BETHÂNIA] Tenho. Já olhei um já [fala alguma coisa pouco audível, sendo possível compreender as palavras “posse” e “as nossas posses”]... Eu tenho olhado. Tem um condomínio aqui pertinho de casa, não sei se você já viu ele aqui. É ooo... [estalo do dedo tentando lembrar o nome] Vila Gabriel. [Digo que não conheço]. Não é o chiquizão aqui... num é o chiquizão aqui. Como é nome desse chique aqui? Jardins Siena, esse daí é bilionário. Aí tem esse aqui é mais, mais... é mais para nosso. A gente vende aqui e compra lá. Lindo lá. Botinho lá. Atrás da Litucera. Tenho o sonho de morar. [Porque?] Segurança [silêncio]. [Só isso?] O principal que acho é a segurança. Vou morar num condomínio, residência, casa né, não é prédio, vou poder viajar, não vou precisar criar cachorro. Não que eu não goste de cachorro, mas não há necessidade. Eu adoro cachorro. Aqui em casa tem duas. Mas não tem necessidade de criar para guardar a casa. Meu filho, o Gibraltar, posso sair e deixar ele lá, pelo trabalho ele fica sozinho aqui em casa, mas fico preocupada. Principal é segurança, no meu ponto de vista né. E outras coisas mais. [COSTA] Tem a estética também. [BETHÂNIA] A estética também, que é muito bonito e tem de tudo lá. Tem piscina, tem os lugares muito bonitinho. É tudo arrumadinho, a estética. E a parte também que tem academia lá dentro, piscina, mais pelos meus filhos. Da todo um conforto. [Você perguntou sobre as regras de convivência?] Não, só passei de frente mesmo. Mas não teríamos problemas com regras. Eu sou bem disciplinada. Tem gente que tem dificuldade de morar porque é muito próximo dos vizinhos, “ah, eu não tenho liberdade”, num tem essa coisa que o povo fala? Eu não, acho que sou exceção! (BETHÂNIA; COSTA, 2019).

E porque a família de Bethânia sonha tanto em morar no condomínio Vila Gabriel? Ela responde que é em razão da segurança. Quando insisto na pergunta, ela reafirma a resposta: “o principal que acho é a segurança”, e em seguida detalha melhor seus pensamentos. De um lado, eles não precisariam mais criar cachorros, viajariam despreocupados, já que os bens estariam resguardados e não teriam um animal para alimentar, por outro lado, não haveria preocupação com o filho pequeno em casa enquanto os pais estão no trabalho.

A dimensão da segurança parece efetivamente o elemento mobilizador de Bethânia, a ponto dela ao final tentar se justificar dizendo que esse é o seu “ponto de vista”, ou seja, não caberia crítica porque é um direito inalienável fazer escolhas. Mas a filha acrescenta outros elementos aos quais todos concordam, sendo o principal a dimensão estética, já que lá seria muito bonito. Está incluído aí o arranjo espacial do lugar, que envolve os equipamentos de lazer, tais como piscina.

Quanto às regras de convivência desses espaços, que costuma muito mais impor limites à liberdade do que em criar formas de expandi-la, ela diz que não teria nenhum problema, pois é bem disciplinada e em certo sentido, admite que a sua liberdade poderia ser absorvida pelos aparelhos disciplinares do condomínio. Demonstra ser um corpo disposto a passar por diversos constrangimentos em nome da segurança: “acho que sou exceção”. É um corpo que absorveu o governo da segurança.

Na esteira dessa realidade, o depoimento do casal Liochá e Adelaida, habitantes do setor Entroncamento, é muito ilustrativo do sentido de cidade fechada emulado pelos condomínios horizontais. Isso se torna ainda mais significativo porque se trata de um casal ativo na militância de esquerda, que faz durante toda a entrevista um esforço para mostrar que estão do lado da justiça social, mas acabam demonstrando, nesse momento da entrevista, não perceberem que a luta política passa também pela construção de outro espaço urbano.

Para Harvey (2014, p. 217), “na tradição marxista, por exemplo, as lutas urbanas tendem a ser ignoradas ou repudiadas como desprovidas de potencial ou importância revolucionária”. No

entanto, ele defende que “a dinâmica da exploração de classe não se restringe ao local de trabalho. Todo um conjunto de economias da expropriação e de práticas predatórias, como as dos mercados imobiliários constitui um caso a ser levado em consideração” (HARVEY, 2014, p. 230-231).

É dessa forma que muitos militantes (especialmente de classe média, que enfrentam em menor grau os dilemas espaciais da cidade), negligenciam completamente maneiras de habitar e se deslocar pela cidade. Para eles, todo o foco está na melhoria de saúde/educação e nas contradições entre capital-trabalho que, apesar de fundamental, esquece outros fatores e ainda não raramente essas duas dimensões aperecem de maneira abstrata e estéril, sem sujeitos ou agentes.

Assim, Liochá inicia afirmando que morar em condomínio horizontal fechado se trata de uma coisa muito boa e um investimento, que do ponto de vista financeiro seria “muito bom”, especialmente para ele e a esposa, que estão próximos da aposentadoria. Aliás, é justamente esse fato que os impede de tentar efetivamente realizar esse desejo em Araguaína, uma vez que pretendem retornar à cidade natal, Teresina-PI, na qual aí sim, podem fazer um investimento de maior vulto nesse tipo de residência.

O mais interessante dessa entrevista não está na dimensão do ativo financeiro, mas na compreensão global dos condomínios como ideal de vida urbana. Assim, Liochá ressalta, com empolgação que se trata de um estilo de morar americano, no qual você entra e fica, ou seja, os muros dificultam a circulação. Percebe-se aqui que a escolha habitacional passa pelo mimetismo de classe e pela coerção da colonialidade, que constrói os padrões de habitabilidade, passando a exportá-lo para as periferias do mundo, conforme ressalta Lindón (2006).

[LIÓCHA] Bom, boa coisa, não, bom, bom. Só que a gente tá pensando o seguinte. Nós tamo caminhando pra aposentadoria e a gente pensa em voltar pro Piauí. Por exemplo, o investimento desse num condomínio é muito bom eu acho. É um sistema novo para se morar e assim e aqui já tem apesar de ser só um, mas já tem e a gente já até avaliou incialmente. Avaliou assim, não visitamos mais até ultimamente tem conversado, alguns colegas já tão construindo lá. Não sei qual o nome do condomínio ali na saída né? Pois é, é uma alternativa. Uma alternativa porque você mora no estilo americano né, você entra, fica [risos]. [ADELAIDA] Eu sinto falta de gente. Igual a pergunta inicial que você fez (e lá é pra conviver com gente). Pois é, exatamente. Porque eu acho assim que a lógica de lá talvez eles convivem mais com as pessoas (não tem muro as casas). Eu gosto de gente. Eu gosto de conviver com as pessoas. Eu não sei se é porque na minha casa, na casa do meu pai e da minha mãe era sempre a casa cheia. Sempre chegando um, entrando outro, meus parentes, quando não era parente era amigo. Então eu sinto essa... por exemplo, aquela questão que você falou, o povo aqui, até dentro do elevador, ‘oi tudo bem’. O Liochá gosta, também é conversador as vezes puxa algum assunto, mas como eu sei que as pessoas mais restritas, parece que elas querem um local exatamente assim pra ficar mais isolada né, é isso né. Mas assim, eu acho um local desse, tipo o Liochá tá falando eu acho que daria mais espaço pra você conversar mais com as pessoas, né. Igual o irmão dele mora num apartamento lá em Teresina, eu achei até bem popular. Ele disse que fez agora o aniversário da menina dele e todo mundo adora a menina dele. Então teve que fazer o aniversário lá dentro porque todo mundo lá do prédio do Juarez, o pessoal mais próximo pediram ‘não, queremos fazer o aniversário pra ela’. Então assim, as pessoas convivem lá, as crianças, os pais. Já saindo do condomínio tem a parte de convivência que vão pra... caminha dentro do espaço. Dentro dá pra caminhar. Então não é de luxo né, é simples mas ele tem espaço dentro que dá pra caminhar. Que tem a piscina dentro que as mães desce e leva as crianças e já conversa com as outras né, cria um vínculo melhor assim. Bom eu acho que um espaço desse seria interessante pra morar. Primeiro pra nós que já tamo ficando mais velho cria um vínculo mais. E uma, acho que até na questão da segurança acho que isso seria interessante né porque. [LIÓCHA] Isso dilui porque, por exemplo, você passa a conhecer as pessoas, passa a ter relacionamento e isso melhora na segurança. Eu

acredito que sim. É um bom tipo de convivência. Você se isola do maior, que a estrutura é maior e você, aí você se protege da violência maior e dentro da comunidade você por ter relacionamento, por ter convivência, o convívio dilui. É um das que eu penso que um dos tipos de, de, de convivência que diminui a violência. Diminui a violência porque você vai viver com mais iguais. Ali você vive num mundo separado. Aí a tendência é, se isso for maior, for maior, for maior tende a diminuir a violência né. Mas também termina você está se isolando um pouco também que você está cercado, você está num convívio de poucas pessoas ali. Você tá separando a violência maior. É uma alternativa de segurança (LIOCHÁ; ADELAIDA, 2019).

Adelaida diz que “gosta de gente” e de “conviver com as pessoas” talvez porque teve uma infância e adolescência com bastante interação social, já que a casa dos pais era sempre cheia de gente, era um entrando e outro saindo, diz ela. Imagina então, que em razão dos condomínios não terem muros dividindo as casas, a convivência lá dentro seja intensa, o que os torna um lugar ideal para realizar seus desejos de socialização.

A inspiração para essa leitura vem da experiência do cunhado, que mora em um condomínio vertical com áreas de convivência, que não existem no prédio em que Adelaida e Liochá residem. O espaço seria um condicionante para aproximação das pessoas, que obrigatoriamente se encontrariam em elevadores e nas áreas de uso comum, como por exemplo, as mães que levam os filhos para piscina e ficam conversando enquanto eles tomam banho. O vínculo surgiria naturalmente.

O resultado seria o aumento da segurança, uma vez que as pessoas ao se relacionarem estabelecem relações de confiança dentro de um espaço que está isolado da estrutura maior. Liochá não nega que isso acontece porque você vai viver “com mais iguais” em um “mundo separado”. Apesar de tudo isso, trata-se na visão dele, de “uma alternativa de segurança”, que parece ser interpretada como uma solução social para esse problema. É como se o caminho fosse condominizar a vida urbana.

Todavia, na própria fala deles há indícios de que se trata muito mais de uma idealização que insiste em não vê a realidade. Primeiro, a relação que eles têm no prédio que moram é de absoluto isolamento com relação aos vizinhos. Embora inexista áreas de uso comum, a convivência é entre iguais, o que não impede de que eles mal se cumprimentem durante os encontros indesejados e inevitáveis dos elevadores.

Até mesmo quando relata o aniversário que teria sido realizado no condomínio do cunhado, Adelaida reconhece que se tratava tão somente do “pessoal mais próximo”. A convivência entre iguais implica a afinidade entre as frações desses iguais, e distanciamento em relação aos diferentes dentro do grupo. A esse respeito, Souza (2017, 2018), mostrou como a classe média brasileira tem diversas frações, que inclui, de um lado, um corte vertical em massa da classe média e alta classe média, e de outro, um corte horizontal, nas frações protofascista, liberal, expressivista e crítica.

A primeira aproximação que faz crer na inexistência de barreiras para uma socialização harmoniosa apenas porque são semelhantes em uma escala (mais ampla) se mostra amplamente enganosa quando se olha no detalhe. A presença dos semelhantes é o núcleo duro mesmo da ideia de segurança, que produz essa outra quimera, da ausência de conflitos, de uma vida quase idílica. Ambas produtos do mercado, que apenas vão fortalecer o isolamento socioespacial em uma infinidade de escalas.

Entre esses posicionamentos que manifestam desejo de habitar nos condomínios fechados e aqueles que são críticos, como veremos a seguir, há os que fazem uma análise meramente calculista, sem que com isso façam qualquer crítica, mas também não manifestam interesse de se mudar para tais espaços. Esse tipo pode ser ilustrado com o caso de Tichel, habitante do setor Rodoviário, que condiciona a apropriação de um condomínio à presença de todos seus amigos lá dentro, caso contrário, não faria sentido para ele (TUCHEL, 2019).

Ele não se refere ao condomínio como lugar de liberdade, pois é impensável ficar lá dentro “preso” sem seus amigos. Mostra que não tem a ilusão do casal Liochá e Adelaida, de achar que em razão das pessoas que aí residem estarem próximas no espaço social, isso se transformaria em relações de intimidade e proximidade. Aponta também para os limites de interações que a residência nesse tipo de lugar impõe, dificultando contatos entre quem está dentro e quem está fora. Mas, não vê nenhum problema para o sentido de cidade se os amigos tiverem juntos. Acaba, assim como o casal anterior, em evocar uma perspectiva do urbano enquanto intimidade (SENNETT, 1988), ainda que em outro recorte, dos amigos.

Mas nem todos foram “colonizados” por essa perspectiva de moradia. Eduarda Lima, residente no Lago Azul 4, expressa, sem muita articulação é verdade, o sentimento que teve ao entrar no condomínio Jardins Siena para prestar serviço. Ela diz que quando entrou nesse espaço teve a sensação de que estava em um cemitério, o que nos faz pensar na falta de pulsão de vida que habita esses lugares, marcados pela frieza das relações, pelas poucas interações sociais e por um permanente estado de suspeição com quase tudo o que vem de fora.

Cemitério é lugar de medo, desconforto e tristeza. Dificilmente alguém que visita um cemitério se sente em casa. Pelas expressões faciais e a tonalidade que usou, Lima parecia evocar parte desses sentimentos. Se supostamente para quem está dentro de um condomínio ele é sinônimo de segurança, liberdade e conforto, para um deslocado que vem de fora ele pode ser extremamente ameaçador, levando a constrangimentos profundos e no limite a violências físicas.

E a memória de Lima evoca justamente os filtros de acesso ao condomínio: “lá não entra qualquer pessoa que chega lá pra entrar não. Se chegar uma visita tem que tá marcado né, tudo direitinho né”. Em seguida liga esse aparato de vigilância a um presídio: “acho muito estranho. Parece um presídio, eu acho um presídio”. A evocação de presídio amplia os sentidos de condomínio para essa entrevistada, agora associado aos processos de controle e vigilância.

Eu não, acho que não. Eu fui trabalhar uma vez lá também, naquele ali perto, parece um cemitério lá, parece um cemitério, naquele que vai lá para o cemitério mesmo, naquele condomínio lá. A gente pra ir pra lá tem que dar os documentos tudim, essas coisas né, mostra documento, pelo menos a mulher lá que trabalha, que chamou a gente, ela fazia o trabalho lá, ela tem que mostrar o documento e falar que nós foi contratado para isso e tal, pra entrar né. Porque lá não entra qualquer pessoa que chega lá pra entrar não. Se chegar uma visita tem que tá marcado né, tudo direitinho né. Acho que é pra evitar os roubos, essas coisas. Eu só fiz uma animação lá, dentro mesmo, que era dia das crianças. Mas eu não moraria não. Acho muito estranho. Parece um presídio, eu acho um presídio. [*Você entrou lá quantas vezes?*] Só uma vez, graças a Deus! [risos] (LIMA, 2019).

Mas a prisão, espaço de punição por excelência, tem em diversos sentidos as mesmas significações de cemitério, que a entrevistada mobiliza no início da resposta. Cemitério e presídio se entrelaçam em uma teia de significados que dão conta da limitação da vida, da liberdade e da finitude. São lugares de fechamento e de morte, no primeiro caso, física e no segundo, moral. Nada mais próximo dos sentidos que carregam os condomínios para os espaços urbanos.

Um segundo caso de negação aos condomínios fechados foi relatado por Paulo Franco, morador do Lago Azul 3. Ele entende que esses lugares não trazem mais segurança que um espaço aberto, pois seriam muito mais cobiçados, já que criminosos sabem que quem mora lá dentro tem “condição, família, tem dinheiro”. Como prova menciona o fato de existirem diversos filtros nas entradas, inclusive, com a necessidade de preenchimento de antecedentes criminais. Apesar disso tudo, ele afirma que os bandidos acabam “entrando, pula, rende e entra pra dentro”.

Aqui que é um condomínio aberto, num é fechado, não tem nada envolta fechando o setor com guarda, segurança, cerca elétrica o escambau a quatro, aqui já é do jeito

que é. Um condomínio fechado eu tenho para mim que seria mais perigoso que um aberto, é mais cobiçado, sabe que têm coisas de valor ali dentro. Sabe que quem mora lá dentro tem condição, família, tem dinheiro, entendeu? Carro bom, moto boa, celular bom, que eles oia mais celular hoje em dia. Então o condomínio fechado eu acho que é mais perigoso que o aberto. É tanto que tem tanta coisa, regalia para entrar em um condomínio fechado que antes de você entrar para fazer um serviço você tem que ser, você tem de fazer um antecedente criminais, em punho, a xerox da identidade, CPF, tudo, você tem que entregar na portaria pra entrar. Se você tiver alguma coisa em seu antecedente criminais, você não entra né. Mas acaba entrando, pula, rende e entra para dentro. E aí? (FRANCO, 2019).

As tantas “regalias”, na verdade ele deseja dizer burocracia, foram experimentadas por ele em Goiânia, no condomínio Alphaville. Lá ele trabalhava com reforma e instalação de forro PVC, e vivenciou diversas situações constrangedoras na entrada do empreendimento. O caso de Franco, diferentemente de Lima, apresenta uma oposição aos condomínios horizontais reativa, sem criticar a forma de sociabilidade que esses lugares apresentam. Ele se restringe apenas ao elemento violência, e mesmo nesse ponto não consegue desenvolver a ideia de modo convincente. Assim, adota como diversos informantes a narrativa da cobiça como justificativa da pobreza e da insegurança que vive.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A insegurança urbana tem sido mobilizada em Araguaína por agentes imobiliários para justificar a oferta de novos produtos imobiliários, como os condomínios horizontais fechados, e por cidadãos para adotar esses novos espaços como lugar de habitação. No intervalo de um pouco mais de uma década surgiram quatro empreendimentos dessa natureza na cidade, contribuindo para o esgarçamento de seu tecido urbano, expresso na maior (auto)segregação e fragmentação socioespacial.

Os condomínios horizontais fechados aparecem no imaginário social do araguainense como um espaço da segurança, que está relacionado com a convivência entre iguais, com um senso estético e de distinção social. Associa-se a isso uma suposta superioridade moral dos seus habitantes, que seriam dados à civilidade da socialização pacífica e a maior educação *vis-à-vis* aos moradores de bairros abertos. Assim, estariam imunes às intrigas, fofocas e surtos raivosos típicos.

O mais perigoso e inquietante é que esses imaginários atinentes aos condomínios fechados evocam uma ideia de cidade, que aponta para o seu fechamento a partir da geometria de poder de grupos imobiliários e de classes médias e altas. A resolução dos problemas urbanos nessa perspectiva passa pelo isolamento e separação, via multiplicação de muros e cercas, cenário ideal para fertilização de preconceitos, racismo e ódio às minorias.

A entrevistada Eduarda Lima apontou de forma sintética o que nos parece o significado desses espaços fechados: são como cemitério e presídio, ou seja, se entrelaçam em uma teia de significados que assinalam para limitação da vida e da liberdade. Ainda que essa oposição não se articule com a elaboração de uma imaginação geográfica alternativa aos condomínios fechados, demonstra que a violência simbólica operada nesses espaços não passa despercebida.

Dessa forma, como faz referência à epígrafe que abre esse artigo, dos Racionais MC's, “sonhar através do muro” é o cerceamento dos horizontes de liberdade e imaginação, não apenas pela exclusão desses espaços, mas sobretudo por suscitar que o objetivo seria “pular” o muro, participar do mundo dos condomínios fechados. No entanto, uma nova política da espacialidade, como evoca Massey (2015), passa por derrubar os muros e promover os encontros.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa de doutorado (2019-2021).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, I. de. **Entrevista VII**. [jun. 2019]. Entrevistador: autor. Araguaína, 2019. 1 arquivo mp3 (37:31 min.).

BETHÂNIA, P.; COSTA, L. S. **Entrevista XVI**. [set. 2019]. Entrevistador: autor. Araguaína, 2019. 1 arquivo mp3 (1:59:53 min.).

BOURDIEU, P.; ACCARDO, A.; BALAZS, G.; BEAUD, S.; BOURGOIS, P.; BROCCOLICHI, S.; CHAMPAGNE, P.; CHRISTIN, R.; FAGUER, J-P.; GARCIA, S.; LEONNOIR, R.; OEUVRARD, M.; PIALOUX, M.; PINTO, L.; SAYAD, A.; SOULIÉ, C.; WACQUANT, L. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CAILLY, L. Capital spatial, stratégies résidentielles et processus d'individualisation. **Annales de géographie**, Paris, n. 654, p. 169-187, 2007. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-Annales-de-geographie-2007-2-page-169.htm>CFM. Acesso em: 12 mar. 2019.

CALDEIRA, T. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2011.

CARRIÓN MENA, F.; NÚÑES-VEGA, J. La inseguridad en la ciudad: havia una compresión de la producción social del miedo. **Revista eure**, Santiago, v. 32, p. 7-16, 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.4067/S0250-71612006000300001>.

CAPITAL RESIDENCE. **Home**. [S. I.]: [ca. 2021]. Disponível em: <http://www.capitalresidence.com.br/>. Acesso em: 17 abr. 2021.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

FGR. **Home**. [S. I.]: [ca. 2021a]. Disponível em: <https://www.fgr.com.br/lps/jardins-siena/>. Acesso em: 17 abr. 2021.

FGR. **Experiência**. [S. I.]: [ca. 2021b]. Disponível em: <https://www.fgr.com.br/lps/jardins-siena/>. Acesso em: 17 abr. 2021.

FLOR, M. **Entrevista I**. [jun. 2019]. Entrevistador: autor. Araguaína, 2019. 1 arquivo mp3 (32:38 min.).

FRANCO, P. **Entrevista III**. [jul. 2019]. Entrevistador: autor. Araguaína, 2019. 1 arquivo mp3 (25:51 min.).

FREIRE, A. F. **Esgotamento sanitário na cidade de Araguaína (TO)**: uma correlação entre as principais doenças e a questão da vulnerabilidade. 2019. 144 f. Dissertação (Mestrado em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2019.

LIOCHÁ; C.; ADELAIDA, B. **Entrevista XV**. [ago. 2019]. Entrevistador: autor. Araguaína, 2019. 1 arquivo mp3 (1:31:00 min.).

LIMA, E. M. **Entrevista XI**. [jul. 2019]. Entrevistador: autor. Araguaína, 2019. 1 arquivo mp3 (1:12:18 min.).

HARVEY, D. **Cidades rebeldes**: do direito a cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HONNETH, A. Conciencia moral y dominio social de clases: algunas dificultades en el análisis de los potenciales normativos de acción. In: HONNETH, A. **La sociedad del desprecio**. Madrid: Trotta, 2011. p. 55-74.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População estimada-2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 21 out. 2021.

IG4. **Imóveis**. [S. l.]: [ca. 2021]. Disponível em: <http://ig4.com.br/pt/paginas/#inicio>. Acesso em: 09 fev. 2021.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; FBSP – Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da Violência 2019**. Brasília: Rio de Janeiro; São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>. Acesso em: 22 mar. 2019.

KESSLER, G. **El sentimiento de inseguridad**: sociología del temor al delito. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2015.

LAHIRE, B. **Retratos sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LINDÓN, A. Del suburbio como paraíso a la espacialidad periférica del miedo. In: LINDÓN, A.; AGUILAR, M. Á.; HIERNAUX, Daniel (Dir.). **Lugares e imaginários en la metrópolis**. Barcelona, Rubi: Cidade do México, Antrophos Editorial, 2006. p. 356-400.

LINDÓN, A. Diálogo con Néstor García Canclini ¿Qué son los imaginarios y cómo actúan en la ciudad? **Revista EURE**, Santiago de Chile, v. 33, n. 99, p. 89-99, 2007. Disponível em: <http://www.eure.cl/index.php/eure>. Acesso em: 12 jan. 2020.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

MENDOZA, F. R. Transformaciones urbanas vinculadas a barrios cerrados: evidencias para la discusión sobre fragmentación espacial en ciudades latinoamericanas. **Cuadernos de geografía**, Bogotá, v. 24, p. 121-133, 2015. DOI: <https://doi.org/10.15446/rcdg.v24n1.47776>.

MPE pede a demolição de obras do condomínio em Araguaína. **Portal O Norte**, 23 mai. 2011. Araguaína, 2020. Disponível em: <https://www.portalonorte.com.br/noticias/araguaina-2941-mpe-pede-a-demolicao-de-obras-do-condominio-em-araguaina/2941/>. Acesso em 08 mai. 2020.

PACÍFICO FILHO, M.; BORGES, T. P.; TELES, M. P. L.; CANÇADO, A. C. Cidades Médias na Amazônia Legal: Araguaína/TO, Imperatriz e Marabá/PA – indutoras de desenvolvimento e desigualdades. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 23, p. 1477-1503, nov, 2020. DOI: <https://doi.org/10.17058/redes.v25i0.15139>.

PEDRAZZINI, Y. **A violência das cidades**. Petrópolis: Vozes, 2006.

PMA – Prefeitura Municipal de Araguaína. Decreto 274, de 20 de março de 2014. **Diário oficial**. Araguaína, TO, ano III, nº 560, p. 1-4, 20 mar. 2014.

RACIONAIS MC's. **Raio X do Brasil**. São Paulo: Zimbabwe Records, 1993. CD.

SANTOS, D. A. R dos.; PINTO, L. A.; ARAÚJO, S. R de.; SILVA, C. A da. Análise dos impactos geomorfológicos e hidrográficos condicionados pela ocupação antrópica e modificações por obras de engenharia do córrego Neblina, Araguaína, TO. ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFOS, 19, 2018, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: UFPB, 2018. p. 1-12.

SENNETT, R. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SENNETT, R. **Construir e habitar**: ética para uma cidade aberta. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SEPLAN – Secretaria do Planejamento e Orçamento. **Base vetoriais**. Palmas, 2012.

SILVA, A. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SILVA, A. **Bogotá imaginada**. Bogotá: Taurus, 2003.

SIGWEB. **Base Vetorial**. Araguaína: Lab-Geo UFNT, [ca. 2022]. Disponível em: <https://geotecnologiasufnt.wixsite.com/geotecweb>. Acesso em: 26 fev. 2021.

SODRÉ, R. Preconceito socioespacial e insegurança urbana em Araguaína-TO. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, vol. 14, n. 3, p. 116-131, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ateliê/article/view/64364>. Acesso em: 21 mar. 2021.

SODRÉ, R.; DEUS, J. B. de. Insegurança e estigmatização sócio-espacial na cidade de Araguaína-TO: um estudo sobre o papel da mídia. **Revista de Geografia**, [s.l.], v. 37, n. 2, p. 162-181, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/243542>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SODRÉ, R.; OLIVEIRA, H. M. Grandes grupos econômicos e agronegócio: redefinição das centralidades e interações espaciais no sudeste da Amazônia Oriental. **Revista da casa de geografia de Sobral**, v. 23, p. 114-143, 2021. Disponível em: <https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/index>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SPOSITO, M. E. B.; GÓES, E. M. **Espaços fechados e cidades**: insegurança e fragmentação socioespacial. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SOUZA, J. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, J. **A classe média no espelho**: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

SOUZA, M. L. S. **O desafio metropolitano**: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SOUZA, M. L. S. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SOUZA, M. L. S. **A prisão e a ágora**: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

SOUZA, M. L. S. **Fobópole**: O medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SVAMPA, M. **Los que ganaron**: la vida en los countries y barrios privados. Buenos Aires: Biblos, 2008.

VILA GABRIEL. **Seus melhores momentos**. [s.l], 06 dez. 2019. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B5vVkiBn6gJ/>. Acesso em 12 mai. 2021.

TAYLOR, C. **Imaginários sociais modernos**. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2010.

TAYLOR, C. **As fontes do self**: a formação da identidade moderna. São Paulo: Loyola, 2011.

TUCHEL, A. **Entrevista IX**. [jul. 2019]. Entrevistador: autor. Araguaína, 2019. 1 arquivo mp3 (1:27:39 min.).



Informações sobre a Licença

Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

License Information

This is an open access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which allows for unrestricted use, distribution and reproduction in any medium, as long as the original work is properly cited.